

Universidades Lusíada

Gadanhó, Pedro

Assuntos internos : ou a remodelação da política dos interiores

<http://hdl.handle.net/11067/8379>

Metadados

Data de Publicação	2005
Editor	Universidade Lusíada
Palavras Chave	Decoração de interiores - Filosofia
Tipo	article
Revisão de Pares	yes
Coleções	[ULL-FAA] ArLíquido, n. 1 (2005)

Esta página foi gerada automaticamente em 2026-10-29T21:59:59Z com informação proveniente do Repositório

Assuntos Internos

ou a remodelação da política dos interiores

Pedro Gadanhó

Com a realização da Expo'98 em Lisboa, a atribuição do Prémio Nobel da Literatura a José Saramago e do prémio Pritzker a Álvaro Siza, o panorama cultural português teve, nos últimos anos da década passada, uma forte convulsão.

Culminando um período de crescimento da economia - indispensável a que o país pudesse integrar o primeiro grupo de países a aderir à moeda única - tal momento constituiu, para Portugal, uma ocasião de 'modernização cultural' em direcção à identidade cosmopolita da Europa.

Como resultado, o turismo urbano passou a crescer continuamente, os *franchisings* da cultura internacional ganharam o seu lugar cativo na paisagem urbana portuguesa e os ciclos de reposição das novas tecnologias de consumo intensificaram-se de forma definitiva.

Como nunca nos últimos 30 anos, o país foi colocado perante o desafio de recuperar um atraso estrutural que se verificava em diversas áreas.

Porém, para além das auto-estradas e da sua indispensável lubrificação logística, nos meios urbanos foram as áreas em que é notória a ostentação do capital simbólico e cultural aquelas que se modificaram mais radicalmente.

Na área da formação - e por via de factores históricos que ainda falta confirmar se estão para além da mera espontaneidade - os cursos das áreas ditas 'criativas' explodiram como cogumelos: arquitectura e design, mas também audiovisuais, comunicação social, marketing e publicidade.

Auxiliado pela reanimação da economia e pela crescente tomada de consciência com as questões do estilo-de-vida e do *status* cultural, também o 'mercado' e o 'campo' do design de interiores usufruíram de um considerável

PALAVRAS-CHAVE
design de interiores
arquitectura - Portugal
KEYWORDS
interior design
architecture - Portugal

NK1980.G33
NA1328.G33

incremento.

Por efeito da permanente necessidade social de renovação da(s) imagem(s), como pela pressão social dos seus potenciais criadores, o design de interiores ganhou, finalmente, a sua autonomia.

Não muito antes do período referido, o design de interiores enquanto prática corrente seria mais bem considerado como uma extensão inevitável da arquitectura ou, por outro lado, como uma arte definitivamente menor, convenientemente deixada aos 'decoradores de interiores.'

Hoje, subitamente, o design de interiores pode ser o campo abrangente de diversas formas de abordagem: experiências de arquitectos em início de carreira; o justo domínio dos muitos que enveredaram por cursos que prometiam esse título; o resultado da lógica de fusão multidisciplinar das empresas de publicidade; a importação e aplicação de ambientes de 'marca' regulados por manuais internacionais rigorosos; e até a actuação dos mesmíssimos 'decoradores de interiores' agora 'reduzidos' àquilo que, afinal, sempre foi o seu 'nicho de mercado.'

Neste sentido - e antes de nos perguntarmos para onde pode progredir esta eclosão do design de interiores - devemos tentar perceber melhor quais as condicionantes através das quais, no contexto português, se pode abordar a própria noção de design de interiores - por mais óbvia e delimitada que esta, à partida, possa parecer.

Assim, por exemplo, o facto de, até muito recentemente, o design de interiores nunca ter sido ensinado como uma disciplina independente, quer académica, quer profissionalmente, ajudou a criar um vazio histórico no entendimento do design de interiores como uma disciplina com autonomia ou mérito próprios.

Deste modo, enquanto decoradores auto-didactas desenvolveram abordagens desiguais da noção de 'interiores' como 'decoreação', os arquitectos tenderam a ver as suas explorações do universo dos interiores enquadradas em encomendas privadas de um pequeno estrato da burguesia esclarecida que, fundamentalmente, permitia que a 'arquitectura' fosse desenvolvida até às suas últimas consequências.

Neste caso, o controlo global da produção arquitectónica até ao último detalhe e até à última peça de mobiliário - como uma continuação da ideia moderna de 'obra de arte total' - podia ser atingido só graças a *backgrounds* culturais e estéticos comuns a autores e clientes.

Além do mais, as condições para uma prática desta natureza eram reforçadas pela capacidade do arquitecto em tirar o máximo partido da mão-de-obra

barata.

Extraía-se, assim, alguma vantagem do processo de lenta industrialização e estandardização inevitável num pequeno país periférico.

Apenas a partir do fim dos anos oitenta, os arquitectos começariam a chegar a audiências mais alargadas, nomeadamente através de interiores temporários ou não-domésticos, muito devedores dum crescente bem-estar sócio-económico, mas também do crescimento generalizado da profissão de arquitecto e da sua inevitável pressão sobre a sociedade.

Mesmo assim, o design de interiores ainda seria - ainda é - considerado como uma espécie de arte menor, não fosse o facto de, em Portugal, como um pouco por todo o lado já se verificava, as encomendas na área se estarem a expandir rapidamente.

Oferecem-se assim primeiras oportunidades para um número crescente de arquitectos praticantes, bem como a outros designers que, entretanto, se começaram a direccionar para a área.

Pode-se entretanto imaginar a referida menoridade do design de interiores como indelevelmente associada à ideia de 'efemeridade'. Logo, este não poderia oferecer a oportunidade de expressar valores perenes de que a arquitectura se gosta de ver como a mensageira privilegiada.

Esquece-se, assim, porém, que em muitos dos centros económicos do Ocidente, onde o porventura o património cultural sobrevive com alguma e diversificada dignidade, os interiores históricos que se preservaram revelam, também, uma fatia importante da identidade cultural.

O design de interiores apresenta, justa e frequentemente, as expressões mais delicadas e próximas do 'espírito' e do estilo quotidianos de uma época.

Outro aspecto da suposta menoridade do design de interiores reside no facto de este não oferecer a possibilidade, já sugerida, de 'uma obra completa.'

Numa visão funcionalista romântica da relação coerente entre exterior e interior, acredita-se que o exterior até pode 'sobreviver' sem a caracterização de um interior, mas raramente se aquiesce com à-vontade que o interior possa ter uma coerência própria, independente do seu 'exterior.'

Desta forma, os arquitectos portugueses tenderam, durante muitos anos, a considerar exclusivamente o design de interiores como a interacção lógica com aquilo que era expresso pelas intenções arquitectónicas gerais presentes no próprio edifício.

Apenas quando a quebra da relação interior-exterior era considerada definitivamente inevitável se permitia, então, ao design de interiores ser tomado como campo de experiências. Porém, mesmo estas experiências

deviam, ainda assim, ser traduzidas para conceitos mais ‘vastos’ e, assim, convenientemente reconduzidos a uma ideia global de arquitectura.

A atitude experimental autónoma do campo dos interiores só se tornou mais usual quando, por volta dos anos oitenta, as condições económicas do país deram origem a um primeiro ciclo de renovações de edifícios existentes, introduzindo um divórcio inevitável entre o design de interiores e os conceitos arquitectónicos que lhes eram subjacentes.

Até esse período, o pouco design de interiores português que pode ser reconhecido como tal foi, assim, quase produzido sem qualquer relação crítica com outra tradição que não a da arquitectura.

A Expo 98, foi talvez a primeira ocasião pública em que, em Portugal, se atribuiu um estatuto claro a esta possível cisão, reconhecendo-se tanto as assinaturas das ‘arquitecturas’ como as dos ‘interiores’. Reconheceu-se, assim, a circunstancial e necessária independência das abordagens, não sem, no entanto, manter o predomínio dos arquitectos e, aí, se efectuar também uma subtil hierarquização entre responsáveis por ‘arquitecturas’ e por ‘interiores.’

Se, por entre estas e outras razões, se manteve nos últimos anos o regime de aparente menoridade do design de interiores, a sua esfera de influência não deixou, no entanto, de crescer a bom ritmo.

Os principais motivos para este fenómeno de crescimento são económicos e têm a ver com a progressiva ‘modernização cultural’ da sociedade portuguesa em direcção à chamada sociedade de consumo.

No entanto, o crescimento deste ‘mercado de trabalho’ não pode ser abraçado com ligeireza e deve, afinal, constituir um motivo importante para atitudes críticas mais consequentes, especialmente no que ao próprio ‘campo de actuação’ do design de interiores diz respeito.

A distinção entre ‘mercado’ e ‘campo’ não é inocente.

O ‘mercado’ significa a resposta acrítica e directa às pressões económicas e culturais da simples renovação da ‘imagem’, uma resposta simplesmente prostituída à ‘necessidade’ de responder às aspirações do ‘cliente.’

Por sua vez, a consciência crítica de ‘um campo de actuação’ com características e possibilidades culturais próprias, significa, antes, perceber que este campo pode usufruir de uma autonomia relativa - isto é, de capacidade de emancipação criativa - para se constituir como território de experimentação de projecto e de responsabilidade artística ou social.

A ideia de criatividade - sucessivamente vilipendiada pela sua associação à publicidade ou simplesmente desprezada pelos advogados da normalização

- quer aqui dizer, assim, a capacidade sensível de invenção de soluções pertinentes face às mais diversas situações, mas também a capacidade cultural de renovação crítica da 'disciplina' no interior dessas respostas.

Neste contexto, se os autores de 'interiores' continuam a debater-se com o estigma da menoridade e, mais a mais, com um espírito limitado e conservador - que inclui o estranho e recente receio de que a arquitectura perca 'identidade' porque se possa confundir com os modos de actuação do design - não pode deixar de se reconhecer, entretanto, que Portugal parece ir recebendo novas ideias e tendências que contribuem para um crescimento mais saudável deste campo específico de 'produção cultural'.

Eventualmente os sinais desta modificação na aceção e presença do design de interiores na sociedade portuguesa restringem-se a nichos específicos em centros urbanos particularmente desenvolvidos - pois esta é, afinal, uma condição primordialmente metropolitana.

Eventualmente correspondem, principalmente, a uma importação de estratégias de 'desenho' de imagem e de '*branding*' - como seria de esperar do inevitável crescimento no fluxo de pessoas e informação.

Eventualmente traduzem ainda a mera possibilidade económica e cultural de demonstrar o status dos indivíduos e das organizações em novas esferas do quotidiano e sua respectiva 'estilização'.

Mas, por outro lado descortinam-se também, eventualmente, nos novos interiores, sinais de culturas criativas emergentes, mormente ligadas aos mundos da cultura popular urbana, da música e das artes plásticas.

Eventualmente, descobrem-se arquitectos que começam a optar conscientemente por desenvolver uma investigação espacial que vê no campo dos 'interiores' um mecanismo de *feed-back* crítico mais rápido.

Eventualmente, vêm-se designers industriais e de produto a aplicar aos interiores uma lógica de projecto de uma natureza totalmente diversa daquela que seria de esperar de arquitectos ou decoradores.

E eventualmente, pode-se adivinhar ainda - porque esse exercício não é, em Portugal, muito difícil - que ensaios laboratoriais de colectivos multidisciplinares ou novos tipos de atitudes experimentais como as que, neste momento, emergem na Europa, começarão também a surgir na paisagem urbana e cultural portuguesa.

Por causa dos seus ciclos curtos de renovação, por causa da potencial juventude dos seus produtores, por causa da rapidez do seu *feed-back* crítico, é inteiramente possível que este campo de actuação venha a adquirir mais

e mais protagonismo na revelação do dinamismo e crescimento da culturas urbana portuguesa contemporânea.

Assim, será também na área do design de interiores que um maior sentido de internacionalismo será progressivamente visível.

É aí que se começam a produzir resultados que prometem juntar, tal como anteriormente em alguma arquitectura dos anos cinquenta, a tradicional sensibilidade aos contextos e à disponibilidade de meios, a um novo gosto pelo experimental e a um impulso estético mais cosmopolita.

Assim, é ainda através do campo específico do design de interiores que, mais evidentemente, a arquitectura e o design têm, em Portugal, recebido contribuições de leituras interdisciplinares renovadas, que se sobrepõem a leituras 'disciplinares' mais datadas ou rígidas, intrínsecas às produções especializadas dum passado recente.

Em Portugal, o final dos anos 90 marcam assim não só o ponto de viragem a partir do qual o design de interiores se generaliza, mas também o momento em que este campo de actuação é abraçado por arquitectos e designers de direito próprio como um campo de possibilidades para a pesquisa e para propostas mais afirmativas.

Os arquitectos usam progressivamente o design de interiores para testar ideias e conceitos para os quais a própria arquitectura pode tardar ou estar impossibilitada de oferecer possibilidades de experimentação.

Revelam-se assim estratégias que, embora arquitectónicas por natureza, têm que ser consideradas específicas das intervenções em interiores de tal modo que, de facto, seriam dificilmente transponíveis para uma escala diferente ou maior.

Nestes casos, o design de interiores funciona mais como um campo de representação arquitectónica. Caixas, volumes e formas tornam-se experiências individualizadas que, embora reportando-se a memórias e ícones arquitectónicos, também afirmam resultados dramáticos e teatrais próprios de uma experiência do interior.

Por outro lado, os designers provenientes dos mais diversos quadrantes de formação começam a aportar novas tradições à prática dos interiores.

Não só se introduzem assim, na esfera dos interiores, novos métodos e sensibilidades projectuais, como se impõe uma nova consciência conceptual da dimensão objectual, das ofertas do mercado e dos ciclos de renovação dos estilos.

Neste caso, por seu lado, o design de interiores usufrui potencialmente de aspectos e qualidades arredadas da tradição arquitectónica e ganha novos referentes que não passam necessariamente pelo privilégio da dimensão

espacial, mas atingem também outros aspectos visuais, sensoriais e culturais.

Mais interessante, porém, é antecipar que o campo de actuação do design de interiores possa, por via da influência crescente de meios multiculturais e multidisciplinares, vir também a usufruir de novas atitudes radicais de questionamento da experiência do interior enquanto inquietação cultural e desafio conceptual.

Nesses casos, muitas vezes resultantes de colaborações entre arquitectos, designers, artistas e outras disciplinas criativas, invoca-se, por exemplo, a já longa tradição da instalação artística para entender como o território delimitado de um interior pode dispor e representar outros níveis de significado cultural, identitário e até político - arenas, note-se, que, por entre a sua aderência a poderes económicos ou institucionais, só muito raras arquitecturas conseguem atingir e concretizar.

Neste sentido, o campo expandido do design de interiores sugere-se como um dos campos de actuação com mais potencial de radicalização do carácter experimental e interventivo para as culturas criativas contemporâneas que desejam assumir um carácter de transversalidade.

Se nos referirmos à produção espacial contemporânea - e não meramente às possibilidades da cultura visual - só talvez este campo, como, afinal, no 'mercado de trabalho' que o mesmo oferece, existe a disponibilidade económica e existe a disponibilidade simbólica para que tal radicalização cultural possa acontecer.

Por entre o risco de superficialidade que o campo do design de interiores também representa - principalmente perante uma cultura geral da desresponsabilização - pode-se evocar o curioso nome de um colectivo artístico que, em meados dos anos 90, passou brevemente pelo mundo artístico de Londres: *Critical Décor*.

Neste aparente paradoxo, isto é, nesta justaposição dadaísta de aparentes opostos, pode-se adivinhar a dimensão de uma aceitação radical e política da ideia de 'decoração' e de 'cenário efémero' como o pressuposto para um design de interiores que consegue ser mais 'crítico' da sua própria condição do que qualquer arquitectura poderá alguma vez efectivamente vir a ambicionar ser.

O presente texto é a versão modificada e ampliada de um artigo originalmente publicado na revista FRAME 11 (Nov/Dec 1999), sob o título 'Under Construction'.